



Jorge Fernando dos Santos



Palmeira seca

Ilustrações: Angelo Abu

Conforme a nova ortografia

6ª edição

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior (coord.) / Edilene Martins dos Santos

Marcelo Zanon / Célia R. do N. Camargo / Renato A. Colombo Jr.

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • MZolezi

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Leandro dos Santos Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Jorge Fernando dos
Palmeira seca / Jorge Fernando dos Santos ;
ilustrações Angelo Abu. São Paulo : Atual, 2003.
– (Entre Linhas: Sociedade)

ISBN 978-85-357-0386-3

1. Literatura infantojuvenil I. Abu, Angelo.
II. Título. III. Série.

03-4952

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Jorge Fernando dos Santos, 1991.

SARAIVA S.A. Livrários Editores

Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros

05413-010 – São Paulo – SP

Fone: (0xx11) 3613-3000

Fax: (0xx11) 3611-3308 – Fax vendas: (0xx11) 3611-3268

www.editorasaraiva.com.br

Todos os direitos reservados.

6ª edição/5ª tiragem
2010

Visite nosso *site*: www.atualeditora.com.br
Central de atendimento ao professor:
0800-0117875

Em memória do velho Durval, porque todo
mineiro tem sede de mar.

Para Vilma, pela cumplicidade na história...

E Lourdinha Mourão, pela força e amizade.

*Vê pois que passam os meus breves
anos, e eu caminho por uma vereda,
pela qual não voltarei.*

Job, XVI, 23.

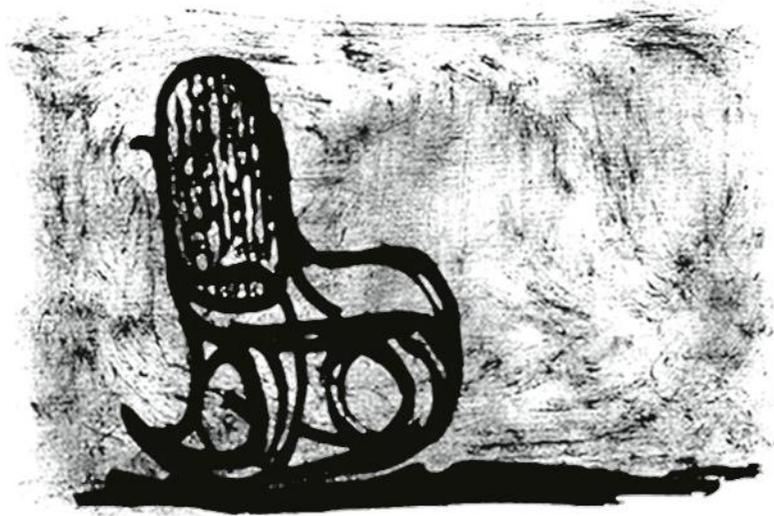


1

A casa fica na parte mais baixa da propriedade, tendo à frente uma colina coberta de pastagens e ao fundo uma montanha rochosa, azulada na distância. As paredes são de adobe, rebocadas de barro e mal caiadas. O chão é de assoalho, com exceção da cozinha, de terra batida. O teto, de telhas e caibros enegrecidos pela fuligem, de onde pendem enormes teias de picumã.

Na manhã ensolarada, a chaminé exala fumaça, tingindo de negro o azul do céu. No quintal, a quatro ou cinco passos da porta da cozinha, corre uma bica de água cristalina, e há um velho forno de barro. Um pouco adiante fica o pomar, onde os passarinhos gorjeiam e as galinhas esgravatam o solo à procura de vermes e insetos. As jabuticabeiras floridas perfumam a atmosfera e bandos de maritacas cruzam o firmamento, fazendo intensa algazarra.

Em frente à casa, distante cerca de dez metros da varanda, há uma velha palmeira e estende-se um curral, além do qual pode-se ver a estrada de terra que contorna a colina, ligando a fazenda à rodovia asfaltada.



2

O velho Durval passa as manhãs na varanda, sentado numa velha cadeira. Usa botinas de couro surradas, calça de brim desbotada, camisa de algodão encardida e um chapéu de feltro manchado de suor. A mão direita, trêmula e enrugada, segura um cigarro de palha malfeito, fumado até a metade, apertado entre o polegar e o indicador. A mão esquerda alisa o queixo de barba branca e rala, com os dedos magros e longos, de unhas grandes e sujas.

Durval tem o rosto branco, enrugado e encovado nas faces. As sobranceiras, largas e emendadas, formam uma espécie de M sobre os olhos vagos e pensativos, de cor indefinida, entre o verde e o castanho claro. O nariz é bem esculpido e as ventas peludas movem-se ao ritmo da respiração. Os lábios finos apertam-se numa expressão amarga e a boca já não tem mais dentes.



3

A neta mais velha chama-se Betânia. Loura, de olhos azuis, cabelos anelados e compridos, sobrancelhas douradas e grossas, faces rosadas e lábios vermelhos, ela cuida do avô com extremo carinho, servindo-lhe as refeições e os remédios conforme a orientação médica.

– Vô, o almoço tá quase pronto – ela diz, enquanto despeja o arroz na panela de pedra ao fogo.

O aroma do alho queimado impregna o ar, mas Durval não sente o cheiro nem tampouco ouve a voz da moça. Seus sentidos estão ligados na memória, e em suas reminiscências quem lhe fala é o filho mais velho.



4

Balbino tinha 33 anos quando tudo aconteceu. Era um homem forte fisicamente. Falava pouco, bem menos que seus dois irmãos. O rosto era tenso, de maxilares firmes e queixo proeminente. Tinha olhos castanhos e a pele curtida pelo sol.

– Eu não consigo mais – disse ele, depois de muito interrogado, e a voz parecia sair de uma garganta trespassada por um espinho.

Durval simplesmente não soube o que dizer. Chupou a fumaça do cigarro de palha e procurou olhar o filho no fundo dos olhos.

Balbino permaneceu de cabeça baixa, numa expressão constrangida e ao mesmo tempo aliviada. Afinal, era a primeira vez que tinha coragem de falar no assunto que há muito o angustiava.

– O que foi que o doutor falou? – perguntou Durval, soltando a fumaça pelas ventas.

– Ele disse que já sarei – Balbino ruminou.

– Explicou a ele tudo o que tá sentindo?

Balbino não respondeu.

– Explicou? – insistiu Durval.

– E precisava?

– E como não?

– Ora, pai! Doutor Euzébio é bom médico. Não havia de se enganar.

– Mas, filho, se o paciente não fala o que sente, o médico não pode adivinhar.

Balbino esfregou as mãos. Durval franziu o cenho e pigarreou.

– Na capital tem médico especialista.

– Não careço – replicou Balbino.

– Mas claro que sim. Não é justo continuar se amofinando desse jeito.

Balbino tirou o chapéu de palha da cabeça, passou a mão na testa gotejada de suor e suspirou.

– Ninguém mais pode saber.

– Mas que bobagem! Um médico é um médico. Não há de sair por aí falando pra todo mundo sobre os males de um paciente.

Balbino ajustou o chapéu na cabeça, caminhou três passos até o alazão amarrado na cerca e apertou-lhe a barrigueira. O animal resfolegou e balançou a crina.

Durval raspou a garganta e cuspiu para um lado.

– Segue o meu conselho, Balbino. Procura um especialista lá na capital. Vai ver isso é coisa à toa, bastando quando muito um bom remédio.

Balbino montou o animal.

– Vou pensar no assunto.

– Isso há de ter cura, você vai ver.

– Sei não.

– Tenha fé em Deus.

– Vou tentar.

Balbino encarou Durval e seus olhos brilharam como os olhos de um bicho ferido. Durval percebeu que ele estava acabrunhado. Pensou em dizer mais alguma coisa, mas optou pelo silêncio. Apagou o cigarro no cabo da enxada e o colocou atrás da orelha.

– Até logo – disse Balbino, esporeando o cavalo e saindo a galope.

Durval o acompanhou com o olhar, até ele desaparecer atrás de um morro. “Deus o abençoe”, disse em pensamento. Depois meneou a cabeça, cuspiu na palma das mãos e voltou a capinar.



5

Na tarde quente, nuvens escuras se juntavam no topo da montanha, atrás da fazenda, além do rio Pará. Urubus planavam no céu e o gado subia a colina buscando a proteção das árvores, como se prenunciasse o temporal.

Balbino montou o alazão e gritou por Valfrido, um vaqueiro novato na fazenda. Ninguém respondeu ao seu chamado. “Onde se meteu esse homem?”, perguntou a si mesmo, olhando em redor.

Trovejou forte e um novilho berrou no pasto. O alazão mexeu as orelhas, relinchou e ficou agitado. Balbino puxou as rédeas com firmeza, gritou novamente o nome do vaqueiro e outra vez ninguém respondeu. “Estrume”, resmungou, e esporeou o animal, erguendo na mão direita a tala de couro cru.

O cavalo trotou com elegância. Ao sentir o repinicar das esporas nos flancos, resfolegou e começou a galopar.



6

O vento do Leste soprava as nuvens em direção à fazenda, mas o sol ainda brilhava nos rumos do poente. Agora os urubus flutuavam alto no meio do céu, dando a impressão de que eram eles que teciam as nuvens.

Balbino recolheu o gado sozinho. Um rebanho com pouco mais de 60 cabeças, entre vacas leiteiras e novilhos desmamados. No instante de fechar a porteira do curral, ao pé da colina, alguma coisa atraiu-lhe a atenção para o bananal que ficava em frente à sua própria casa. Ele mal pôde acreditar no que viu. Esfregou os olhos com as mãos calejadas e manejou a rédea, virando a montaria naquela direção a fim de ver melhor o que se passava.

Augusta e Valfrido saíam do bananal. Ela ajeitando no corpo o vestido de chita estampado. Ele abotoando junto ao peito a camisa azul xadrez.

O coração de Balbino bateu depressa e o seu rosto ficou em chamas. A raiva brotou-lhe da garganta e tomou a forma de um nó. O queixo pareceu se desprender do rosto, a boca ficou aberta numa expressão de pasmo e os olhos vidraram como olhos de fera acuada.